



Identidade e diferença

Virginia Inácio dos Santos*

Tomaz Tadeu SILVA (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

DADOS BIBLIOGRÁFICOS

O livro “*Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, foi escrito por três autores. Dentre estes, uma autora, Kathryn Woodward que escreveu o I capítulo e dois autores, sendo que o II capítulo escrito por Tomaz Tadeu da Silva (o organizador da obra) e o III capítulo por Stuart Hall.

A obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, além dos três capítulos traz tão-somente algumas notas e as referencias bibliográficas. Um texto simples, mas de grande relevância para os estudos sobre questões de identidade nos nossos dias.

IDENTIDADE E DIFERENÇA: UMA INTRODUÇÃO TEORICA E CONCEITUAL

Kathryn Woodward ao introduzir o seu capítulo, começa por contar uma história que aconteceu na Iugoslávia a quando da guerra entre sérvios e croatas. Onde em meio a um dos embates um estrangeiro indagou a alguns soldados sérvios dizendo “estou tentando entender porque vizinhos começam a se matar uns aos outros. ‘O que faz vocês pensarem que são diferentes?’ (...) respondeu o homem sérvio: ‘vocês estrangeiros não entendem nada; (...) Olha a coisa é assim. Aqueles croatas pensam que são melhores que nós. Eles pensam que são europeus finos e tudo mais. Vou lhe dizer uma coisa. Somos todos lixo do Bálcas” (p. 7-8).

Com este exemplo a autora diz que “esta história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, forneça as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um ‘não-croata’. A identidade é, assim, marcada pela diferença” (p.9).

Esta identidade marcada pela diferença tem símbolos concretos que ajudam a identificar nas relações sociais quem é, por exemplo, mulher e quem não é. Assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam tem causas e conseqüências materiais. Por exemplo, “os homens tendem a posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referencia, sendo assim as mulheres são as significantes de uma identidade masculina partilhada. A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (p.10-11).

* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.



Mas para que a discussão em torno do tema seja melhor aprofundada há que se ter em conta os alguns preceitos como conceitualizações que ajudem a compreender o funcionamento tanta das identidades quanto das diferenças e se estas são fixas e imutáveis. A análise de questões sociais e materiais, sociais e simbólicas, sistemas classificatórios, a obscuridade que pode existir na definição de uma ou outra identidade ou diferença e a discrepância que pode existir dentro delas mesma e se ao se assumir uma identidade automaticamente há de fato uma identificação.

O conceito de identidade é importante para examinar a forma como a identidade se insere no “círculo da cultura” bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com o discurso sobre a representação (p.16).

Quanto à existência da crise de identidade deve-se a fatores como: a globalização que dá origem a migração dos trabalhadores, sendo a migração um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. Neste sentido, o conceito de diáspora ajuda a entender algumas destas identidades sem pátria; a falta de histórias; as mudanças sociais e os novos movimentos sociais e políticos.

Portanto a diferença é marcada em relação à identidade através de sistemas classificatórios que fabricam sistemas simbólicos por meio de exclusão. Por isso, tanto as diferenças quanto as identidades são construídas e não dadas e acabadas. Mas apesar deste fator, investimos nas identidades porque elas nos ajudam a termos uma compreensão sobre o nosso eu, a nossa subjetividade que envolve a psique humana.

A PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA

Dentro da produção social, a identidade parece ser uma positividade (aquilo que sou) uma característica independente, um fato autônomo. Nessa percepção ela só tem uma referência a si própria: ela é auto contida e auto-suficiente. Na mesma linha a diferença é aquilo que o outro é. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, desta forma, concebida como auto-referenciada (p. 74). Mas ambas as afirmações, só fazem sentido se compreendidas uma em relação à outra. Sendo assim, como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Sendo ambas inseparáveis.

Mas o autor alerta para não nos esquecermos de que tanto a identidade quanto a diferença são criaturas da linguagem e, por isso, criadas cultural e socialmente o que os torna maleáveis e marcadas pela indeterminação e instabilidade por causa do próprio caráter vacilante da linguagem. Mas apesar disso, elas ainda, carregam o poder de definir. “Elas não só são definidas como também impostas, elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. A identidade e diferença estão, pois, em estreita conexão com a relação de poder: o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (p.81).

Contudo, embora a identidade tende a fixação, este processo oscila entre o processo que tende a fixá-la e estabilizá-la e o processo que tende a subvertê-la e desestabilizá-la, tornando-a cada vez mais complicada. Por isso, a identidade e a diferença têm que ser representadas, pois somente a partir da representação estes adquirem sentido: “é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade” (p. 91).



QUEM PRECISA DA IDENTIDADE?

Para a autora existem duas formas de responder esta questão. A primeira consiste em observar a existência de algo que distingue a crítica desconstrutiva à qual muitos destes conceitos essencialistas têm sido submetidos. Diferentemente daquelas formas de críticas que objetivam superar conceitos inadequados, substituindo-os por conceitos ‘mais verdadeiros’ ou que aspiram a produção de um conhecimento positivo, a perspectiva desconstrutiva coloca certos conceitos-chaves ‘sob rasura’. A segunda maneira de responder exige que observemos onde e em relação a qual conjunto de problemas emergem a irredutibilidade do conceito de identidade. A resposta, neste caso, está em sua centralidade para a questão da agência e da política (p. 103-104).

Resumindo e concluindo consideramos importante a leitura desta obra pelo fato dela trazer de forma simples e densa a discussão em torno da identidade e da diferença, temas tão atuais e importantes em nossos contextos. Os autores trazem um conteúdo denso e profundo, porém a leitura é agradável, pois não são fastidiosos em suas colocações.

Não podemos deixar de considerar que sentimos falta de uma conclusão que pudesse nos pontuar antes o que de concreto a obra aborda assim como as motivações dos autores e da autora que os levou a problematizarem um tema tão complexo, embora necessário e atual. Outro sim, sentimos ainda a ausência de uma conclusão que teria o objetivo de unir os capítulos, fazendo um fechamento dos temas abordados, para não nos dar a impressão de uma revista, não temática, onde os temas abordados são independentes uns dos outros.